

A ABORDAGEM CULTURAL NA GEOGRAFIA

Beatriz Aparecida ZANATTA ¹

RESUMO

O trabalho delinea características da abordagem cultural clássica e renovada. Essa abordagem se caracteriza pelos estudos voltados para temas ligados à, à paisagem, ao folclore, à etnia, ao gênero, à religião, assim como por diferentes manifestações artísticas como a música, a literatura e a poesia. Para analisar a cultura destaca a importância da percepção, das representações sociais, do significado e da subjetividade.

Palavras-chave: Cultura – Percepção – Subjetividade - Representação – Significado - Geografia.

Introdução

Ao longo do tempo, as diversas áreas científicas, especialmente as ciências humanas, na busca de compreender e interpretar o mundo e as coisas, evoluíram, e continuando evoluindo, no compasso das transformações sociopolíticas, econômicas, culturais e espaciais ocorridas no cenário mundial. Simultaneamente, os paradigmas estabeleceram seus princípios teóricos, organizaram conceitos em níveis de relevância e priorizaram determinados valores e atitudes, para explicar cientificamente as mudanças da realidade e seus desdobramentos. Neste processo, diferentes paradigmas coexistiram durante certos períodos e não foram raras as vezes em que se postulou a articulação de paradigmas “incompatíveis” ou complementares.

Na Geografia, essa articulação pode ser percebida na produção de autores do século XIX como Alexander von Humboldt e Karl Ritter entre outros, cujos projetos podem ser inscritos no horizonte da Geografia Humana². Com efeito, racionalismo e humanismo figuram, na produção dos iniciadores da Geografia Moderna,³ como

¹ Professora do Departamento de História, Geografia, Ciências Sociais e Relações Internacionais da Universidade Católica de Goiás. Doutora em Educação pela UNESP/ Marília-SP.

² Como disciplina universitária, a Geografia foi reconhecida com a nomeação de Carl Ritter na Universidade de Berlim. Entretanto, somente na década de 1870 é foram estabelecidas cátedras de Geografia em quantidade.

³ Entende-se como Geografia moderna o conjunto da produção geográfica elaborada com base em concepções racionalistas e anti-racionalistas.

aspectos complementares de um mesmo e único conhecimento científico, ou seja, misturam-se em proporções variáveis, sem aparência contraditória. (GOMES, 1996)

Na atualidade, a articulação de paradigmas é postulada por geógrafos, que também consideram como necessárias e complementares as abordagens racionalista e humanista, cuja produção científica pode ser inscrita no horizonte de uma Geografia Humana Pós-Moderna⁴. Conforme reconhece Claval (2001, p. 46):

Há mais similaridades do que parece à primeira vista, entre os geógrafos atraídos pela fenomenologia e aqueles que abraçam a causa radical, pois os dois grupos consideram que os fatos sociais diferem dos fatos naturais. O que é fundamental para os geógrafos de inspiração humanista ou radical não é a distribuição espacial dos fatos sociais, mas a maneira como as pessoas vivem nos lugares onde residem ou os que visitam, deles extraíndo uma experiência.

Da mesma forma, Cosgrove; Jackson (2003) postulam a cooperação entre a geografia cultural humanista e a geografia social marxista, para investigar o mundo do homem e as geografias da mente.

Nesse contexto, muitas perspectivas de análise têm sido propostas para compreender as intensas transformações do espaço geográfico, bem como para orientar o trabalho de educação geográfica escolar necessário à formação para a cidadania crítica. Dentre elas, uma perspectiva de cunho crítico que, a partir da década de 1990, adquiriu significativa relevância, devido sua consonância com o movimento pós-moderno, e a abordagem cultural⁵. Destaca-se, nessa abordagem, o interesse pela investigação de uma pluralidade de temas relacionados à cultura popular, ao folclore, à etnia, ao gênero, à religião, a paisagem, assim como por diferentes manifestações artísticas como a música, a literatura e a poesia. Conforme McDowell (1996, p.159):

⁴ Neste artigo, utiliza-se a expressão pós-moderno como uma reestruturação ampla e profunda da modernidade, e não como uma ruptura como proclamam alguns autores que se autodenominam pós-modernistas. Essa posição é assumida por um significativo número de geógrafos como, por exemplo, Soja (1993), Gomes (1996), Gregory (1996) entre outros, que reconhecem os limites da razão instrumental iluminista, porém não abandonam as possibilidades de explicação abrangente do real que se encontra em permanente movimento.

⁵ A opção pela expressão abordagem cultural na geografia deve-se ao fato de considera-la mais adequada do que a denominação Geografia Cultural. Concorro, portanto, com a seguinte argumentação de Claval (apud Corrêa 2003, p. 147): "Para a maioria dos geógrafos culturais, a geografia cultura aparece como um subcampo da geografia humana. Para eles, a sua natureza é semelhante à da geografia econômica ou da geografia política. Para uma minoria – e eu faço parte dela – todos os fatos geográficos são de natureza cultura. Esses geógrafos preferem falar de abordagem cultural na geografia e não de geografia cultural"

A geografia cultural é atualmente uma das mais excitantes áreas de trabalho geográfico. Abrangendo desde as análises de objetos do cotidiano, representação da natureza na arte e em filmes até estudos do significado das paisagens e a construção social de identidades baseadas em lugares, ela cobre numerosas questões. Seu foco inclui a investigação da cultura material, costumes sociais e significados simbólicos, abordados a partir de uma série de perspectivas teóricas.

O objetivo deste artigo é tecer considerações acerca da abordagem cultural na Geografia. Para isso, organizamos seu conteúdo em três partes claramente distintas, porém complementares. A primeira destaca a contribuição dos geógrafos alemães e franceses, do final do século XIX, para abordagem cultural. A segunda trata das características da abordagem cultural contemporânea. A terceira apresenta considerações sobre as similaridades e complementaridade entre as abordagens cultural, humanista e marxista. Espera-se que esse artigo seja considerado como introdução de um estudo que pretendemos levar a cabo com a intenção de angariar elementos que possibilitem uma melhor compreensão da análise geográfica da cultura.

A trajetória da Abordagem Cultural na Geografia até a década de 1970

O interesse pela relação entre espaço e cultura é uma tradição da ciência geográfica, haja vista que seus interesses sempre estiveram voltados para a descrição da diversidade da superfície terrestre. No entanto, foi somente no final do século XIX que as relações sociedade, cultura e natureza tornaram-se objeto central de atenção de geógrafos europeus como Friedrich Ratzel (1844-1904), Paul Vidal de La Blache (1845-1918), Otto Schuter (1872-1952), entre outros.

O termo cultura foi introduzido pela primeira vez na geografia alemã, por meio do livro Friedrich Ratzel, publicado em 1882, denominado Antropogeografia, obra em que analisou os fundamentos culturais da diversidade das repartições dos homens e das civilizações, adotando encaminhamento ora etnográfico, ora político. Segundo Claval (1995, p. 13), nessa obra, Ratzel analisa a cultura

[...] sob seus aspectos materiais, como conjunto de artefatos mobilizados pelo homem na sua relação com o espaço. As idéias que a sustentam e a linguagem que exprimem não são quase nada invocadas [...] A idéia de luta pela vida limita, portanto, o interesse que tem Ratzel pelos fatos da cultura e dá à sua obra uma posição essencialmente política.

Com esse trabalho, Ratzel edificou a base conceitual na qual se tem estruturado desde então a Geografia Humana e passou a ser considerado como o grande apóstolo do ambientalismo, uma vez que [...] seus seguidores desconsideraram em muito os seus estudos culturais posteriores, nos quais ele se referia à mobilidade populacional, às condições de assentamento humano e à difusão da cultura através das principais vias de comunicação.” (SAUER, 2003, p.20)

Na França, a tradição dos estudos culturais foi inaugurada por Paul Vidal de La Blache, e surgiu, assim como na Alemanha, simultaneamente ao processo de sistematização da Geografia como ciência acadêmica. Refletindo sobre as relações que se estabelecem entre os seres humanos e o meio, Vidal de La Blache elaborou o conceito de gênero de vida, o qual exprimiria uma relação entre população e recurso, uma situação de equilíbrio, contribuída historicamente. Pode-se definir esse conceito como o conjunto de técnicas, hábitos e costumes próprios de uma sociedade que possibilitam o aproveitamento dos recursos naturais disponíveis. Sustentando a idéia de que a ação humana é influenciada pela contingência, para Vidal o meio físico exercia ascendência sobre certos gêneros de vida, mas os grupos humanos também nele podiam intervir, dependendo de seu estágio civilizatório, cultural e seu desenvolvimento tecnológico.

Vidal, entretanto, tinha a mesma visão de Ratzel no que tange ao entendimento do papel da cultura, que se interpõe entre o homem e o meio natural⁶. Para ele, a cultura pertinente deveria ser aquela que se apreende por intermédio dos instrumentos, utensílios, técnicas e maneiras de habitar que as sociedades utilizam para modelar a paisagem. Do seu ponto de vista, a noção de gênero de vida permitia organizar estes elementos de tal forma que explicassem as diferentes paisagens construídas.

Nos primeiros decênios do século XX, à medida em que a Geografia Humana progredia, persistindo nas relações entre sociedade, ambiente natural e cultura, o

⁶ Embora haja semelhança entre Ratzel e Vidal de la Blache no que diz respeito a concepção de cultura, é importante registrar que na obra de Ratzel é clara a influência do evolucionismo, do darwinismo e do positivismo, enquanto que Vidal, ao assumir uma posição anti-positivista, fundamenta-se no historicismo e no espiritualismo. No entanto, Capel (1888) afirma que as concepções de La Blache sobre gênero de vida, influência do meio na sociedade e as monografias regionais advêm da influência de Frédéric Le Play (1882-1906), autor muito representativo do positivismo francês.

conceito de paisagem humanizada tornou-se objeto de investigação geográfica. Nesta época, na Alemanha, adquire relevância o conceito de paisagem cultural elaborado por Otto Schultze. A ênfase da escola alemã era dada às marcas que os homens produziam na paisagem, e o objeto da geografia era, justamente, apreender sua organização, descrever a morfologia da paisagem cultural procurando captar sua gênese.

A paisagem, um dos conceitos mais antigos da geografia, foi um dos primeiros temas desenvolvidos pelos geógrafos alemães e franceses na perspectiva cultural. Nessa abordagem, era privilegiada a análise morfológica da paisagem, sendo a cultura apreendida através da análise das técnicas, dos utensílios e das transformações das paisagens, ou seja, dos aspectos materiais, utilizados pelo homem de forma a modificar o ambiente natural visando a torná-lo mais produtivo. Tal postura se explica pelo fato de que, nessa época, a epistemologia da geografia era de inspiração naturalista ou positivista. Conseqüentemente, os geógrafos desse período não puderam dar à cultura seu devido papel na explicação dos problemas geográficos.

A discussão sobre a dimensão cultural da paisagem estendeu-se aos Estados Unidos no início do século XX e adquiriu expressividade a partir de 1925, ano em que Carl Ortwin Sauer (1889-1975)⁷ definiu a paisagem geográfica como resultado da ação da cultura, ao longo do tempo, sobre a paisagem natural. Carl Sauer fundou a escola norte-americana de Geografia cultural, originando, [...] uma sólida tradição, que em parte, compartilhava com os geógrafos europeus [...] inclusive a ênfase na dimensão material da cultura”(CORRÊA, 1999, p.50)

Para Sauer (1998), o principal objetivo dos estudos geográficos era analisar as paisagens culturais de modo que morfologia física deveria ser vista como um meio, transformado pelo agente que é a cultura. Conforme Ducan (2003, p.81), Sauer concebia a cultura

[...] como uma entidade supra-orgânica, com suas próprias leis, pairando sobre os indivíduos, considerados como mensageiros da cultura, sem autonomia. A cultura era assim, concebida como algo exterior aos indivíduos de um grupo social; sua internalização se faz por mecanismos de condicionamento, gerador de hábitos, entendidos como cultura.[...] nesta visão não havia conflitos, predominando o consenso e a homogeneidade cultural.

Em que pesem as críticas feitas à obra de Sauer, não há como negar sua grande contribuição para o pensamento geográfico, na medida em que reafirmou a paisagem

⁷ De acordo com Speth (1987), citado por Corrêa e Rosendahl (2000, p.9), o “historicismo constitui a base da geografia de Sauer e seus discípulos.”

como um dos seus conceitos chave, assim como incentivou e divulgou a abordagem Cultural, deixando um rico legado.

Até a década de 1940, o interesse da Geografia cultural atinha-se, principalmente, às marcas que a cultura imprimia na paisagem ou à noção de gênero de vida. Ainda que sob diferentes formas, ambas abordagens acentuavam a cultura material (artefatos, técnicas, utensílios, *habitat* e instrumentos de trabalho), não acompanhando a evolução dos estudos antropológicos que já davam destaque à cultura mental, aos aspectos psicológicos das sociedades. Conforme Claval (1995), no decorrer desse período, os geógrafos valorizaram quatro temas associados ao estudo das relações entre sociedade e natureza, quais sejam: a análise das técnicas, os instrumentos de trabalho, a paisagem cultural e os gêneros de vida. Os três primeiros estão relacionados a aspectos materiais da cultura, e o último a aspectos não-materiais. No artigo, *A Geografia Cultural: o Estado da Arte* (1999), esse autor argumenta que a pouca atenção dada pelos geógrafos culturais aos aspectos subjetivos das relações entre espaço e cultura foi um dos motivos que levou ao seu arrefecimento no decurso dos anos que seguiram.

A Renovação da Abordagem Cultural na Geografia

No final dos anos 1970, começou-se a esboçar um processo de recuperação da abordagem cultural na geografia que, desde então denotando um nítido interesse pelo pensamento pós-moderno, passou a dar mais atenção às questões anímicas e ontológicas dos seres humanos. Não se tratava mais de estudar a diversidade cultural com base nos seus conteúdos materiais, mas de admitir que a cultura está intimamente ligada ao sistema de representações, de significados, de valores que criam uma identidade que se manifesta mediante construções compartilhadas socialmente e expressas espacialmente, ou seja, de admitir que a cultura no seu sentido antropológico mais amplo representa todo o modo de vida de uma sociedade, o que não inclui somente a produção de objetos materiais, mas um sistema cultural (valores morais, éticos, hábitos e significados expressos nas práticas sociais), um sistema simbólico (mitos e ritos unificadores) e um sistema imaginário, que serve de liame aos dois últimos, constituindo-se no *locus* da

construção da identidade espacial de um grupo. Segundo Corrêa (2003, p.13) nesse contexto, o conceito de cultura

[...] é liberado da visão supra-orgânica e do culturalismo, na qual a cultura é vista segundo o senso comum e dotada de poder explicativo. É vacinado também contra a visão estruturalista, na qual a cultura faria parte da “superestrutura”, sendo determinada pela “base”. A cultura é vista como um reflexo, uma mediação e uma condição social. Não tem poder explicativo, ao contrário, necessita ser explicada.

A origem desse processo pode ser situada por volta dos anos de 1980, ou mesmo um pouco antes, com a crise de maio de 1968, a guerra do Vietnã, a ascensão do feminismo e o surgimento da *New Left*, o movimento ecológico, e a crescente consciência e necessidade de novos paradigmas para compreender a realidade, até então explicada com base nos pressupostos teóricos da Geografia positivista e da Geografia neopositivista. Essas abordagens não mais explicavam a realidade, diante da diversidade social, das estratégias da economia mundial e, sobretudo, em relação ao descaso com determinados componentes da realidade como a cultura ou os meios de comunicação. Foi nesse contexto que, gradativamente, adquiriu identidade a abordagem cultural geográfica. Nas palavras de Corrêa (1999, p.51):

O ressurgimento da geografia cultural se faz num contexto pós-positivista e vem da consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade da organização espacial e sua dinâmica. A dimensão cultural torna-se necessária para a compreensão do mundo.

A abertura dos novos horizontes para a análise da dimensão geográfica da cultura foi encontrada na revalorização de características fundamentais do humanismo. Assim, o homem foi recolocado no centro das preocupações dos geógrafos culturais, como produtor e produto de seu próprio mundo. Da mesma forma, foram resgatados da Geografia do século XIX elementos que possibilitaram estabelecer a ligação entre a abordagem cultural clássica da geografia e as atuais perspectivas de análise da cultura. Por um lado, o retorno a essa tradição se traduz na valorização do estudo dos costumes e hábitos marcados no tempo e que sustentam a importância primordial da cultura, freqüentemente esquecida pela ciência em sua versão racionalista. Por outro, na resignificação das “[...] as bases epistemológicas desenvolvidas pela Geografia Cultural de Sauer e pelos geógrafos europeus” (CORRÊA, 1999, p.67).

Outra importante contribuição do humanismo refere-se ao método. Nesse aspecto, a hermenêutica foi reconhecida como método eficaz de interpretação, à medida que permite levar em conta os contextos próprios e específicos de cada fenômeno. Para desenvolvê-lo, o geógrafo deve assumir a posição de observador capaz de interpretar o jogo complexo das analogias,

valores, representações e identidades que caracterizam a atividade humana exercida espacialmente. Por meio da compreensão, é possível alcançar uma significação, revelar a essência dos fatos que representam experiências vividas.

Além do humanismo, a renovação da abordagem cultural também foi enriquecida pelas contribuições do materialismo histórico e dialético e das filosofias do significado por meio da Geografia Humanista.

A influência do materialismo histórico e dialético se manifesta, principalmente, por meio da compreensão da cultura, simultaneamente, como um reflexo e uma condição social; da oposição a qualquer forma de determinismo ou explicação linear causal e do reconhecimento da dimensão histórica na relação entre os seres humanos e a natureza.

Na Geografia Humanista, os geógrafos encontram subsídios necessários à reflexão sobre a própria existência e, por conseguinte, sobre os fenômenos do mundo vivido⁸. Segundo McDowell (1996), foi a partir dessa abordagem que o fator cultural, tema central do humanismo, reapareceu como elemento imprescindível para uma nova compreensão da produção e reprodução das culturas através das práticas sociais que ocorrem ao nível espacial de maneira diferenciada.

Outra contribuição dessa abordagem refere-se aos aportes da filosofia dos significados, que valoriza a experiência, a intersubjetividade, os sentimentos, a intuição e a compreensão. Esses aportes serviram de base para os geógrafos culturalistas se posicionarem contra a visão alienante de mundo da sociedade tecnológica e a favor da compreensão de que a riqueza da existência humana se desenvolve para além dos cânones da lógica positiva, que com seu reducionismo quantitativo, sua fragmentação do conhecimento em compartimentos especializados e sua pretensão de racionalidade e objetividade, separava a ciência do homem.

Significado é, portanto, uma palavra-chave no discurso dos representantes da abordagem cultural, explicitada por meio de expressões como telas de significado e mapas de significado. Mapas que incluem representações gráficas daquilo que é “[...] lembrado, imaginado e contemplado” (COSGROVE, 2000, p.2). Em *Mundo dos Significados – Geografia Cultural e Imaginação*, Cosgrove (2000, p. 36), ao reconhecer o papel da imaginação nas obras humanas, argumenta que “[...] ela reelabora, metaforicamente, aquilo que os sentidos capturam, atribuindo-lhes novos significados” .

⁸ Segundo Holzer (1992), o surgimento da Geografia Humanística e da Geografia Cultural Renovada se deu de forma independente, a partir de pressupostos diferentes, havendo contatos mais estreitos entre essas abordagens somente a partir dos últimos anos da década de 1970.

Assim, com base nas contribuições da Geografia social marxista, da Geografia Humanista e da filosofia dos significados, os conceitos de base da Geografia - espaço, território, meio-ambiente, lugar e paisagem - foram reelaborados, tendo em vista a complexa rede simbólica que envolve sua construção cultural. A título de exemplificação, a paisagem cultural, abordada por Sauer, segundo uma ótica morfológica, adquire, na produção de Berque (1998) e Cosgrove (2003), outros significados. Berque (1998) fala de paisagem, marca paisagem matriz, enquanto Cosgrove identifica paisagens da cultura dominante, paisagens residuais, emergentes, excluídas⁹. Da mesma forma, espaço passa a ser concebido como espaço vivido¹⁰ (FRÈMONT, 1890), ou seja, como um espaço de vida, construído e representado por seus atores sociais, e o território em suas dimensões sóciopolítica (controle, apropriação), e cultural (significado, identidade). Além disso, temáticas relacionadas à religião, à percepção ambiental, às representações sociais, à identidade espacial e à interpretação de texto (literatura, música, pintura, cinema) destacam-se entre outras que foram retomadas ou emergiram diante das transformações sociais, políticas, econômicas e culturais vivenciadas pela sociedade contemporânea.

É nesse contexto que ocorre a reelaboração dos conceitos, a ressignificação e ampliação dos temas da abordagem cultural, assim como a dinâmica de sua renovação. Isso pode ser verificado em periódicos como *Géographie et Cultures e Ecumene* que, ao lado do mais antigo *Journal of Cultural Geography*, contribuem, a partir da década de 1990, para divulgar a crescente produção da abordagem cultural geográfica. No Brasil, o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura, criado em 1993, e o periódico *Espaço e Cultura*, criado em 1995, traduzem o interesse de analisar o espaço sob o ângulo da cultura.

⁹ Cosgrove (1998, p. 37), ao comentar sobre a diversidade de enfoques que orientam os estudos da paisagem, aponta como objetivo comum entre esses pesquisadores “[...] descrever e entender as relações entre a vida humana coletiva e o mundo natural, as transformações feitas por nossa existência no mundo da natureza, e acima de tudo, os significados que as culturas atribuem para sua existência e para as suas relações com o mundo natural”

¹⁰ Segundo Gomes (1996), as bases que fundamentam os estudos sobre o espaço vivido remontam à escola francesa de Geografia da primeira metade do século XX, sobretudo, os trabalhos de Vidal de La Blache e Pierre Deffontaines. A escola francesa ‘tradicional’ enfatizou a importância e a necessidade de contatos prolongados do geógrafo com os lugares e as paisagens que constituem seu objeto de estudo.

Similaridades e complementaridade entre as abordagens geográficas: Marxista, Humanista e Cultural

O que foi exposto evidencia significativas contribuições das abordagens que a partir da década de 1980, passaram a nortear a produção geográfica. A aproximação entre elas consiste na revalorização de certos elementos do humanismo. Sem negar a contribuição dessa orientação para a reestruturação do saber, um significativo número de geógrafos, preocupados com os limites das interpretações de mundo centradas nos paradigmas básicos da ciência moderna, buscou redimensionar o discurso geográfico por meio da aproximação de linhas do pensamento que, até a década de 80, eram concebidas como opostas.

Vários indícios apontam que, na atualidade, os geógrafos encontram-se abertos ao diálogo, face ao reconhecimento da importância e da riqueza de alternativas para a abertura de novas direções da pesquisa geográfica.

Há muito, as possibilidades de diálogo entre as diferentes concepções do conhecimento foram postuladas por renomados pensadores da teoria crítica como Habermas e Giddens. Esse debate pode contribuir para ampliar os horizontes das diferentes tendências que, em muitos aspectos, podem se complementar. Nesse sentido, Gomes (1996, p.301-302) faz as seguintes considerações a respeito da aproximação entre o materialismo histórico e o humanismo:

[...] o materialismo histórico e o humanismo moderno partem de uma mesma crítica, a recusa da ciência positivista, e podem, sob alguns aspectos, ser considerados como perspectivas complementares. O materialismo histórico redescobriu a reflexividade de toda ação social e, por conseguinte a importância de uma análise que leve em conta o valor e o antropocentrismo da vida social. Ao mesmo tempo, o humanismo se desembaraçou do idealismo e do subjetivismo, que caracterizam as primeiras análises, e recolocou a importância da existência material no centro das interpretações.

Nessa perspectiva, Cosgrove (2003, p.105), ao postular a necessidade de cooperação entre os teóricos da Geografia marxista e humanista, argumenta que a tradição humanista, dentro do materialismo histórico oferece a abordagem cultural, [...] a estrutura dentro da qual mantém e esclarece os interesses tradicionais da geografia cultural e fornece um contraponto à tendência da geografia radical de reduzir sua problemática a um espécie de determinismo econômico. Por meio desse entendimento, o marxismo e a abordagem cultural compartilham importantes pressuposições básicas referentes ao significado da cultura.

Do mesmo modo, a recente atenção dada às experiências em sociedade, à teia de relações que os indivíduos tecem entre si, à forma pela qual instituem suas comunidades, organizando-as e identificando-se com o território no qual vivem, acabou por aproximar os encaminhamentos humanista e cultural da Geografia contemporânea. Não obstante, o primeiro interessa-se especificamente pelo indivíduo, pela sua singularidade, pelo caráter insubstituível da pessoa e de seus laços com os ‘outros’ e o segundo dá especial ênfase aos aspectos coletivos, aos grupos e à sociedade. Todavia essas perspectivas não se excluem, ao contrário, complementam-se.

Para Levy (1997, p. 28), a convergência entre a Geografia cultural e a humanista situa-se no fato de a abordagem cultural acrescentar a dimensão individual em seus juízos, garantindo “os direitos fundamentais”, e a humanista reforçar o sentido da cultura, preocupando-se com a realização do homem, respeitando sua dignidade pessoal. Em sua opinião,

[...] a geografia humanista, na medida em que situa a ‘ontologia espacial antes da epistemologia’, ela se constitui em uma geografia cultural ‘especial’, que aprofunda o sentido da existência individual no mundo, partindo do postulado que a unidade lógica da existência não é nem o espaço, nem o tempo, nem a sociedade; é a pessoa humana, e o indivíduo visto na sua relação fenomenológica com o mundo... a geografia humanista visa a compreender as motivações e o sentido das escolhas individuais no espaço, no tempo, na sociedade...nisto, eles [os estudos inovadores da geografia] olham o afeto, o sistema de valores, as preferências, as crenças [...].

Esse autor assinala ainda que um único traço as distingue. Trata-se da relevância concedida pela Geografia humanista à intuição, tanto no processo de formação do conhecimento como na condução da ação que, antes de tudo, obedece a impulsos individuais.

O que foi exposto permite inferir que as possibilidades da abordagem cultural contemporânea são múltiplas. Há, em realidade, inúmeros caminhos pelos quais os geógrafos visam contribuir para dar inteligibilidade às dimensões material e não-material da cultura, o passado e o presente, os objetos e ações em escala global, regional e local, os aspectos objetivos e intersubjetivos, entre outros. Segundo Corrêa (2003, p.14), o que os une é a compreensão de todos esses aspectos [...] em termos de significados e como parte integrante da espacialidade humana”. Ou, como observa Claval (1999), o propósito de conceber a cultura não como realidade global, mas como um conjunto infinitamente diversificado e em contínua evolução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERQUE, Augustin. "Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural". In: CORRÊA, R.L. et al. (Orgs). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- CORREA, Roberto, L & ROSENDAHL, Z. (Org) *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____. "Geografia cultural: passado e Futuro: uma introdução". In: CORRÊA, R.L. et al. *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- CLAVAL, P. A geografia cultural: o estado da arte. In: CORRÊA, R.L. et al. (org.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999
- _____. As abordagens da Geografia Cultural. In: INÁ Elias de Castro et al (Org). *Explorações Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- _____. *A Geografia Cultural*. Florianópolis: EdUFSC, 1995.
- COSGROVE, D.(1998) . A Geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, R.L. et al. (Org.) *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, pp. 92-123.
- _____. Em direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria. In: CORRÊA, R.L. et al. (Org). *Introdução a Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____. Mundo dos significados: Geografia Cultural e imaginação. In: CORRÊA, R.L. et al (Org.). *Geografia Cultural: um século (2)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- COSGROVE, D.; JACKSON, P. (2000). Novos Rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, R.L. et al. (Org.). *Introdução a Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- DUCAN, James. A paisagem como sistema de criação de signos. In: CORRÊA, R.L. et al. (Orgs). *Paisagem, Textos e identidade*. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2004.
- _____. O supra-orgânico na Geografia Cultural Americana. In: CORRÊA, R.L. et al. (Orgs). *Introdução a Geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- FREMONT, Armand. *A região e o espaço vivido*. Coimbra: Almedina, 1980.
- GOMES, P. C. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.
- LEVY, Bertrand. 'Humanistic geography': ou le pari humaniste de la géographie anglo-saxonne. In: *L'Espace Géographique*. Tome XX, n. 4. Paris: Doin, octobre. / décembre. 1997.
- LEY, David and SAMUELS, Marwin S. *Humanistic geography - prospects and problems*. London: Croom Helm, 1978.
- LOWENTHAL, D.(1976). Geografia, Experiência e Imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, pp.103-140.
- MCDOWELL, L. A transformação da Geografia Cultural. In: GREGORY, D. et alii. (Org.) *Geografia Humana: Sociedade, Espaço e Ciência Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996
- SAUER. C. Geografia Cultural. In: CORRÊA, R.L. et al. (Org.) *Introdução a Geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.